

---

## Um modo de (ad)mirar Clarice

Clarice Lispector.  
Uma poética do olhar

---

PONTIERI, Regina

---

São Paulo: Ateliê, 1999

---

Normalmente relegado pela crítica a um segundo plano dentro da obra de Clarice Lispector, *A cidade sitiada* encontrou uma leitora sagaz. Regina Pontieri, de modo minucioso, inteligente e numa escrita sóbria e bem fundamentada, reexamina a fortuna desse texto em nossa literatura e o papel que lhe cabe no traçado complexo da obra de Clarice. O resultado é surpreendente.

Na visão que daí resulta, o texto é considerado como um momento particularmente relevante na constituição de uma poética do olhar em Clarice Lispector. Através de argumentação lúcida e lentamente articulada, que não deixa escapar o pormenor, Regina Pontieri traz para o primeiro plano de sua análise a atividade visual que observa ser construtora de um sentido de mundo como exterioridade visível.

Terceiro romance da autora, *A cidade sitiada* foi concebido durante sua permanência em Bema, entre 1946 e 1949, e publicado nesse último ano. A seqüência das cartas enviadas à família, durante o período de fatura do livro, revela o "denso nevoeiro de melancolia" que atinge a escritora, afastada do Brasil para acompanhar o marido diplomata. Vinte e um anos depois da publicação da obra, Clarice lida ainda referir-se a esse livro, numa crônica feita para o *Jornal do Brasil* em 21 de fevereiro de 1970. Num agudo comentário da escritora, Regina Pontieri sabe ver e recolher a pista que desenvolverá numa apurada interpretação do romance: "a visão [...] altera a realidade, construindo-a. Uma casa não é construída apenas com pedras, cimento, etc. O modo de olhar de um homem também a constrói."

Partindo da concepção de que as obras de Clarice estão implicadas entre si, adensando-se, e se beneficiam de uma leitura não-linear, integrativa, em que o valor de cada uma torna-se mais plenamente visível contra o pano-de-fundo das demais, Regina Pontieri dedica todo um capítulo à articulação de *A cidade sitiada* com outras obras da autora, especialmente *Perto do coração selvagem*, *O Iustre* e *A paixão segundo G. H.*. Nos demais capítulos ela faz uma interpretação das mais sensíveis que revela aspectos inusitados desse até então pouco valorizado trabalho de Clarice.

*A cidade sitiada* retoma a subdivisão em capítulos da obra de estréia da escritora, mas o que apresenta não é, todavia, como em *Perto do coração selvagem*, um mundo que vem à tona pela consciência da personagem. Trata-se agora de apresentar quadros estáticos da vida provinciana, de tal modo que as personagens são feitas de exterioridade. A construção do processo de significação não parte, como antes, da consciência, mas está no mundo. E a história se toma o ato de enunciar visualmente o espaço: casa e cidade, corpo e personagem passam a ser formas que, deslocando-se da dimensão do tempo, mergulham na da espacialidade.

Lançando mão da concepção de história que Benjamin registra em *Origem do drama barroco alemão* — a história como natureza —, Regina Pontieri trama os elos de uma leitura que, percebendo na obra de Clarice Lispector uma articulação quase barroca de metamorfose alegórica, relaciona *A cidade sitiada* à simbiose entre natureza e história, entre corpo e espírito. A ensaísta considera que isso se realiza pelo viés de uma especialização que privilegia a extensão, o corpo, o visível, a objetividade entendida como o aparecer das coisas no mundo.

Diferentemente de *Perto do coração selvagem*, exercício intrincado de subjetivação de Joana, a protagonista, *A cidade sitiada* como que procura construir em Lucrecia a "impessoa". A narradora vê Lucrecia construindo seu mundo, ao mesmo tempo em que traça a realidade ficcional do capítulo e do livro: nisso se assemelham. Isso

permite "à narradora ver alguém que vê com o corpo e, assim, construir uma linguagem que veja o mundo com seu próprio corpo" (p. 175).

Assegurando, no entanto, a complexidade das estratégias narrativas, diz Pontieri que *Perto do coração selvagem* já apresentava as formas larvares dessa *Impessoa*. A construção desse procedimento se avança a partir das correlações e identificações entre a personagem e objetos e animais. Lucrecia gasta boa parte de seu tempo exercitando transformar-se em objetos — flor, estátua, cadeira — como um modo de vê-los efetivamente. Esse poder de comunicação com o além-linguagem (com o mineral e o animal) é gerador de metamorfoses e cruzamentos que anos depois ainda estariam no ceme de *Água viva*.

Mas a descoberta magnífica da obra de Regina Pontieri é a capacidade de engendrar uma interpretação extremamente produtiva e inteligente para essa *coisidade Irredutível* (a expressão é de Pontieri), que está no ceme da poética de Clarice Lispector. Graças a um trabalho sistemático de libertar o signo do real e da referencialidade mímicas — o que estou chamando de um fazer em permanente metamorfose —, aparece em Clarice o enigma fundamental, que Pontieri busca entender: a construção de um eu não mais cartesiano.

Da junção de um eu com um ele, impessoal, a escritura de Clarice Lispector procura chegar ao seu outro: a não-palavra. Nesse sentido, realiza a experiência de construção da alteridade em que o eu é e não é o outro. Na dinâmica de uma trajetória de identidades em palimpsesto, Regina Pontieri lança à luz seu des-cobrimto: "Pintura e espelho, A cidade sitiada se mostra como o instrumento de uma universal magia que transforma coisas em espetáculos, os espetáculos em coisas, eu no outro e o outro em mim" (p. 185).

Na obra enigmática de Clarice Lispector, o deslizamento e a metamorfose do processo de significação são lições teóricas de alta valia para o

universo dos estudos feministas e de gênero. De um lado, porque revelam que a circulação do significado jamais é linear ou submetida a uma lógica de exclusão ou binarismo. Animais, humanos e minerais, pessoas e coisas, masculino e feminino são moedas em circulação finíssima. Nelas, a chispa da metáfora brota de uma contínua possibilidade de proliferação incessante de paradigmas. De outro lado, porque mostram que, para o bem e para o mal, não só a literatura, enquanto discurso, goza dessa prerrogativa. Outras práticas, ideológicas, também têm esse poder de metamorfose só que, simulando espraizar-se, cristalizam, em redes aparentemente mutáveis, a genitização da cultura.

Ao estudar o regime literário da escrita (o *genre* e não o *gender*), o livro de Regina Pontieri não se dirige prioritariamente aos estudos feministas. Mas abre-lhes um inestimável espaço teórico, capaz de questionar as estratégias de exclusão praticadas pelo viés do gênero. Examinando o procedimento alegórico da obra de Clarice Lispector e constatando que, através dele, sua escritura pode construir uma relação de alteridade pautada na reversibilidade, o estudo de Regina Pontieri — *Clarice Lispector. Uma poética do olhar* — põe a nu os impedimentos de reflexão contidos na dicotomia [masculino/feminino; corpo/alma; sujeito/objeto], uma "das mais secas do dicionário".

Já não mais sujeitos da visão em tudo distintos dos objetos olhados, os personagens de Clarice Lispector são *violentes-visíveis*. Como o pensamento, incansáveis, eles começam sempre de novo, e voltam sempre às próprias coisas. Ser e contemplar, nesse universo, se contaminam. Desse contágio, o entrecruzamento de sentidos impede o aridez das dicotomias. O mundo de Clarice, na bela leitura de Pontieri, "traz inscrito no visível de sua materialidade corporal, o invisível de seu sentido" (p. 219).

LUCIA HELENA ■